

Nascimento, o herói de uma sociedade em chamas⁵

Luiz Eduardo Lopes Silva*

“Coronel Nascimento (Wagner Moura) é um herói nacional”⁶

Essas palavras, que iniciam uma suposta crítica do filme *Tropa de Elite 2*, simbolizam a confluência última da estética apologética levada a cabo nesta obra⁷. É onde deságua todo o suposto aparato crítico que a inspira. O *Tropa de Elite* conseguiu criar um verdadeiro herói da nação, uma façanha nada desprezível para uma obra de ficção. Os seus autores podem vangloriar-se por ter desbancado a única personagem ficcional brasileira que teria alcançado tal feito, o Zé Carioca. Mas se deixarmos nosso personagem malandro de lado podemos ver que a arte como sismógrafo social continua com seus ponteiros orientados, porque no Brasil que hoje vivemos nada mais necessário que um herói do calibre – se é que você me entende – do Nascimento.

É obvio que a malandragem do Zé Carioca também é resultado de uma sociedade extremamente violenta. Porque a malandragem é o rosto feliz da violência. É a forma que as classes subalternas aprenderam a se esquivar de todo o rolo compressor que lhes é imposto. Por isso, é questão de sobrevivência, dependendo da classe a que você pertencer, aprender desde cedo a enrolar o seu patrão, o agiota, o policial da esquina, o dono da casa onde mora e outros. A malandragem é um sintoma de uma sociedade opressora e excludente.

Ainda que o Capitão Nascimento não seja um cara do tipo malandro, tal como Zé Carioca, já provou que é capaz de arrancar gargalhadas bestiais do público. Na verdade o *Tropa de Elite 2* tem o mérito de ter engrossado ainda mais o rol de piadas cotidianas. A velha “pede pra sair!” e “bota na conta do papa!” ganhou novos arremedos como “Che Guevara tá entrando sem colete” ou ainda, a mais elegante, “quer me foder? me beija!”.

⁵ Esse título é inspirado em um trecho do texto de Thiago Lopes e Tauan Sousa intitulado *Educação mutilada: campos de concentração e os despreparos produzidos pela lógica do capital*, disponível em: <http://tempodecritica.blogspot.com/2010/10/reinvencao-da-delinquencia-academica.html>. É um uso desviado da citação tal como queriam os situacionistas. Tomei liberdade de usar esse recurso mais de uma vez no texto.

* Professor de História da rede pública estadual.

⁶ Comentário feito por Laura Lopes na coluna “Mente Aberta” da revista *Época*: <http://colunas.epoca.globo.com/menteaberta/2010/10/06/coronel-nascimento-nao-da-ponto-sem-no/>.

⁷ Quando usar o termo “obra” daqui por diante refiro-me ao livro “Elite da Tropa” e os dois filmes.

Mas não nos apressemos em dar um *Heil Hitler* ao nosso capitão agora promovido a Coronel; não exageremos os dotes do nosso glorioso herói nacional. Há muito que os aparatos repressivos no Brasil ganharam um adorno estético humorístico. Os programas jornalístico-policiais espalhados pelo Brasil afora nada mais são que um batalhão de piadas ambulantes. Uma rápida olhadela nos vídeos mais assistidos do *YouTube* prova que os vídeos engraçados que fazem mais sucessos são provenientes desses programas. As delegacias e as ocorrências policiais de todo o Brasil estão a cada dia ganhando mais ao serem projetadas na tela como tal, uma aura de humor junto ao julgamento de boa parte da população. Retornaremos a esses pormenores estéticos mais adiante.

Voltando ao mais novo sucesso da Globo Filmes, *Tropa de Elite 2*, filme que contou com forte apoio do Governo do Rio de Janeiro – inclusive com atuação de policiais reais do BOPE, com direito a acesso às instalações do batalhão para que as cenas ganhassem densidade realística. Apesar da declaração do seu diretor, que afirmou que o filme seria uma produção quase independente (dá pra acreditar que ele falou isso?⁸), o filme contou com orçamento milionário⁹ e com o patrocínio de várias multinacionais¹⁰. É fica óbvio para qualquer um que foi feito um acordo para que o filme saísse somente depois das eleições do primeiro turno, porque afinal de contas, não se pode medir com segurança o impacto político de uma produção como essa, ainda mais por ser uma obra cercada de ambigüidades (apesar das declarações em contrário do autor na reportagem da *Folha* citada acima).

Porém, depois da estréia, pode-se dizer que o filme *Tropa de Elite 2* cumpriu com seu papel estético-político. Gostaria de tatear alguns deles.

Continuidade entre crime e ordem

Começaremos pelos tímidos avanços do segundo filme em relação ao primeiro.

O primeiro filme pretendia jogar a culpa do tráfico internacional de drogas nos universitários que fumam maconha, fazendo uma problematização pedestre de um mercado que, em termos de cifras, só perdia¹¹ para o comércio internacional de petróleo¹². Sem

⁸ http://revistadecinema.uol.com.br/pagina_conteudo_listagem.asp?id_pagina=65&func=1&id=1669

⁹ <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/810960-tropa-de-elite-2-e-maior-estreia-desde-a-etomada.shtml>

¹⁰ <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/cultura/tropa-2-em-busca-da-grana/>

¹¹ http://www.pernambuco.com/hotsite/descaminhos/a_rede.html

¹² Cf. Revista Adusp, 1999, (p. 44 – 51).

contar que as expedições sanguinárias que o BOPE fez no primeiro filme tinham a pretensão de mostrar como acontece a repressão ao tráfico, quando na verdade de repressão ao tráfico de drogas tem muito pouco; trata-se, na verdade, de um genocídio/etnocídio levado a cabo por uma tropa de combate urbana treinada para matar sob desculpa de reprimir aquilo que podemos chamar de varejo do tráfico. Capitão Nascimento galgou o espaço de herói nacional em cima da pilha de cadáveres do baixo clero do tráfico enquanto os grandes atacadistas continuam intactos.

No que se refere ao Tropa de Elite 2, é inegável a evolução da abordagem do roteiro. Com o foco sobre as milícias, o filme tem o mérito de abordar de maneira muito clara uma continuidade entre o crime e a ordem. No que tange, sobretudo, ao envolvimento direto de agentes estatais com o crime organizado, e na gestão direta do crime pelos agentes da ordem, o diretor chega, dessa maneira, ao núcleo, à verdadeira cabeça que controla o crime em toda cidade do Rio de Janeiro: a Secretaria de Segurança Pública do Estado. Essa Secretaria que, antes de ser uma Secretaria para combater o crime, é, na verdade, a secretaria que administra o crime. O papel da Secretaria de Segurança-Criminalidade é estabelecer uma continuidade sólida entre a face aparente da ordem e face oculta da ordem (o crime). Desse ponto de vista, o roteiro evoluiu em relação ao primeiro escancaradamente. Na verdade, aquilo que há de bom no segundo só serve para mostrar quão medíocre é a discussão do primeiro¹³.

Portanto o Tropa de Elite 2 tem o mérito de, pelo menos no que concerne a essa questão, ir além da literatura dominante sobre o tema. Tal literatura, que abusadamente ainda tem a pretensão de se auto-intitular “sociológica” ou “histórica”, consegue ter menos rigor analítico que um filme promovido pela Globo Filmes, porque ainda trata o crime como algo antagônico à ordem, estranho a ela, chegando ao cúmulo desses argutos “sociólogos” e “historiadores” afirmarem que o crime organizado ameaça a existência do Estado!¹⁴. Há também uma concepção equivocada que se equivale a essa, só que possui um verniz de esquerda: trata-se da concepção que acredita que o crime traz algo de progressista por assim dizer, pois teria o mérito de contestar (com mais ou menos radicalidade, dependendo

¹³A tímida evolução do roteiro já fez despertar [os reclames da extrema direita brasileira](http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/capitao-nascimento-foi-fazer-ciencias-sociais-na-usp-ou-na-unb-e-ja-esta-pronto-para-ser-militante-do-psol-que-pena/) (disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/capitao-nascimento-foi-fazer-ciencias-sociais-na-usp-ou-na-unb-e-ja-esta-pronto-para-ser-militante-do-psol-que-pena/>) que tinha defendido o primeiro filme com extrema devoção.

¹⁴ OLIVEIRA, A. O tráfico de drogas ameaça a existência legal do poder estatal no Brasil" (As peças e os mecanismos do crime organizado em sua atividade tráfico de drogas. Disponível em: Dados vol.50 no.4 Rio de Janeiro 2007.

do calibre do “crítico” ou do crime) a ordem estabelecida. Trata-se de uma pseudo-polêmica acerca de um pseudo-antagonismo. Na verdade, há um bom tempo o crime organizado já foi caracterizado como uma atividade capitalista que reforça contradições já existentes na sociedade e que tem no Estado o fiador real dos seus negócios – e que em última instância ajuda a perpetuar o *existente* como *existente*¹⁵. Retornaremos oportunamente a esse ponto.

O desencontro estético

Ainda que o roteiro tenha evoluído, existe um desencontro estético entre um roteiro pretensamente crítico e uma estética apologética. Há no Tropa de Elite 2, tal como no primeiro, uma apologia à violência policial.

Vale dizer que a repressão empreendida pelo BOPE não tem apenas caráter claramente classista, como é indisfarçadamente racista, como deixam claro no livro: “A cor da pele é a nossa bússola” (SOARES, 2005 p. 136).

Mas algum crítico de cinema de beira de calçada como eu poderia nessa hora argumentar: *não é o filme que é racista (ou fascista,) é a polícia que é fascista, o que o filme fez foi tirar uma fotografia fidedigna da realidade e expôs para a população brasileira, mostrou que a polícia age com fins genocidas e etnocidas. Só que eu perguntaria: porque a população sorriu para a essa fotografia? Porque o policial assassino virou herói nacional, como falou entusiasmada a crítica de cinema – essa sim especialista – citada no início do texto?*

A trama é construída de tal maneira que sempre leva a uma simpatia do telespectador/leitor com os policiais genocidas. No filme o protagonista é também o narrador. Coronel Nascimento não só causa admiração nos telespectadores pela sua postura ilibada, como a leitura que ele faz de todo processo pesa sobre as interpretações da trama. Fora os inúmeros artifícios estéticos para causar uma simpatia entre o telespectador e os policias genocidas do BOPE, o próprio antagonista do Coronel Nascimento no segundo filme é um militante dos Direitos Humanos, chamado Fraga¹⁶, que desde sua

¹⁵ Uso desviado de um trecho do texto “[Trabalho Docente Gerenciado e Reinvenção da Delinquência a Acadêmica](http://tempodecritica.blogspot.com/2010/07/trabalho-docente-gerenciado-e.html)” de Saulo Pinto (disponível em <http://tempodecritica.blogspot.com/2010/07/trabalho-docente-gerenciado-e.html>).

¹⁶ Dizer que ultrapassa o caricatural a apresentação dessa personagem no filme é observar o óbvio. O próprio deputado (PSOL) em que a personagem foi baseada parece concordar (cf. <http://www.cartacapital.com.br/politica/um-deputado-no-olho-do-furacao>). Há, na verdade, uma

aparição/apresentação – que se dá de uma forma ridícula – cancela de antemão qualquer possibilidade de credibilidade que a personagem possa ter. Enquanto o Capitão Nascimento é interpretado pelo galante Wagner Moura, esse seu antagonista – pela esquerda – é um tipo magricelo meio desengonçado e, se meu ouvido anda afinado, com sotaque de nordestino, algo que em se tratando do Rio de Janeiro e São Paulo, podemos dizer, no mínimo, não costuma despertar muita simpatia.

Ainda que no desenrolar da trama fique claro para o telespectador atento que a análise mais correta do processo era feita pelo Fraga e que no final o próprio Coronel de alguma forma reconheça isso, hora nenhuma, absolutamente em nenhum momento, é usado qualquer artifício estético que implique em alguma simpatia do telespectador com o “Che Guevara sem colete”. Pelo contrário, o telespectador leigo e um pouquinho desatento sai da sala de cinema com mais desprezo dos inúteis militantes dos Direitos Humanos – defensores de bandidos – do que quando entrou.

No concernente a essa estética apologética, as gargalhadas, dada nas salas de cinema Brasil afora, revelam a maneira sutil que a estética da repressão tem transformado aquilo que é trágico em cômico. Como falei anteriormente, os programas policiais estão cheio disso, e no caso específico do filme, é inegável seu tom de humor em várias passagens. Se você não teve a infelicidade como eu tive de constatar isso ao vivo no cinema, adquira qualquer DVD pirata (que a repressão não nos ouça), daqueles que o filme é gravado com uma câmera na sala de cinema e depois reproduzido e revendido Brasil afora; você vai ver que a maior parte do tempo a platéia passa sorrindo.

Isso tudo apesar de tomar uma dimensão sem precedentes no Tropa de Elite, nem de longe se trata de uma particularidade deste. É certo que o Brasil passa hoje por um avançado processo de espetacularização da repressão e que os veículos em geral de circulação de notícias sobre *criminalidade urbana violenta* formam um grande conglomerado estético-repressivo, que tem por função, como diria Benjamin, “transformar a nossa auto-destruição em um prazer estético de primeira ordem” (BENJAMIN, 1994). Graças às experiências estéticas como Tropa de Elite, podemos experimentá-las com furor e riso; tal como o fascismo “transformou a guerra em um espetáculo de deleite estético” (Idem). A

“Reinaldoazevedização” da caricatura com a ênfase desnecessária de se tratar de um professor de história e de esquerda, como se isso fosse comum e apreciado nos dias de hoje (devo essa observação e muitas outras ao longo do texto, a Arthur Santos).

dimensão estética da repressão metamorfoseou o horror em piada. A morte trágica em morte risível¹⁷.

A invisibilidade do morador

No Tropa de Elite 2, assim como no primeiro, os moradores da favela não aparecem senão como vulto. A cena em que o Coronel Nascimento entra no restaurante e é aplaudido por ter sido o suposto responsável de um verdadeiro massacre em Bangu I, é narrada por ele da seguinte forma: “para a sociedade, bandido bom é bandido morto!”; no que é seguido de aplausos calorosos das pessoas que ali estão. O que não é dito, no entanto, é que as pessoas que se encontram no restaurante (muito fino por sinal) são pessoas que “pairam” sobre a sociedade em chamas. Talvez Nascimento não tivesse uma recepção tão calorosa se entrasse numa comunidade carente, onde existisse parentes e amigos de pessoas inocentes que já foram brutalmente executadas pela polícia, inclusive pelo “incorrupível” BOPE. O aplauso daquelas pessoas antes de demonstrar o apoio da sociedade em geral à política pública de genocídio, diz respeito àquilo que a antropóloga Alba Zaluar constatou há alguns anos, nas suas palavras:

Ao ler 2000 questionários da pesquisa Rio contra o crime tive a impressão de percorrer alfarrábios sobre os suplícios medievais contados numa linguagem moderna de punição. Entre as sugestões oferecidas pela população da Zona Sul, Tijuca e Grajaú onde se concentram as classes de renda mais alta, figuravam em transformar o Maracanã e a Praça da Apoteose em locais de execução pública de bandidos. Aos ladrões (crianças e jovens) senhoras distintas e educadas sugeriam corta os dedos, as mãos etc. Aos estupradores a castração era o castigo justo. Aos bandidos em geral, especialmente os que assaltam com violência suas vítimas, o suplício lento, televisionado para todo o Brasil, num uso impensado da aldeia global. Ou para platéias menores nos estádios ou no nosso monumento ao carnaval: um final apoteótico também não imaginado pelos arquitetos da praça da apoteose. Um uso também impensado por Foucault (1975) à idéia da carnavalização dos suplícios, já que a própria plebe que exige, sem ter um monarca, a exibição pública do rigor da “lei” nos corpos dos seus agressores. (ZALUAR, 1994, p. 47)

Não há um apoio indiscriminado à política pública de genocídio. Ela não é unânime na sociedade tal como quer fazer parecer à obra Tropa de Elite. Há sim um apoio

¹⁷ Para aprofundar discussão sobre o tema, ver: “Do Crime ao Escárnio: O Espetáculo do Circo dos Horrores Levanta Tenda em São Luís”. Monografia de conclusão de curso desse que vos fala. Ver especialmente, capítulo 3: A Estética da Repressão: O Escárnio e a Morte Risível.

de contornos claramente classistas a essa política. Isso fica mais claro quando Zaluar mostra que moradores de bairros de baixa renda tinham uma maior inclinação a sugerir que o combate à criminalidade deveria ser feito antes de tudo com o aumento das oportunidades de emprego e com a distribuição de renda. Acho que fica claro qual das perspectivas de classes a obra toma para si.

Na obra *Tropa de Elite*, os autores, ao incorporarem para si a visão do aparato repressivo estatal, anulam totalmente a imagem dos moradores dos bairros periféricos, os trabalhadores honestos e comuns, que representam mais de 95% dos residentes desses bairros – inclusive segundo estatísticas oficiais –, que passam totalmente “despercebidos” pelo filme. Uma invisibilidade cruel que só aparece em forma de crime e de sangue. Lembra bastante uma faixa do álbum “Direto do campo de extermínio” da banda de rap paulista Facção Central chamada “O que seus olhos vêem quando olham pra favela?”, onde o compositor vai descrevendo, uma a uma, as visões mais comuns sobre a favela, começando pela dele até chegar aos altos escalões da sociedade, passando pelo olhar do político e da polícia, diz algo mais ou menos assim:

Os olhos do gambé [policial] só vê AR-15, lançador de granada, vagabundas drogadas, mães solteiras, desempregados embriagados no balcão do bar, adolescentes viciados, moleques com pipas, com rojão, avisando que os *homens* tão chegando. Vê em cada barraco um esconderijo, uma boca, em cada senhora de cabelo branco uma dona Maria mãe de bandido [...].

A cena em que o Coronel Nascimento está sobrevoando a favela, de helicóptero, coordenando uma operação como quem coordena uma operação de guerra, simboliza, acredito, muito bem, que a obra incorpora a exata visão que é descrita acima, e mais uma vez a arte cumpre com seu papel de sismógrafo social. O trecho citado acima, no entanto, parte da outra trincheira.

O fato é que são os moradores as verdadeiras vítimas dessa guerra civil não declarada; são eles que ficam espremidos nesse arrocho da luta de classes – por um lado pela ditadura oficial dos aparatos repressivos e por outro pelo tráfico e pelas milícias – sofrendo a repressão de classe que ganhou há algum tempo no Brasil essa dupla dimensão. Assim a classe trabalhadora é oprimida em dois *fronts*, o que causa uma confusão na identificação de quem é o inimigo – óbvio também que isso faz parte da estratégia de dominação – causando uma violência cada vez mais endógena às classes oprimidas, o que é apontado brilhantemente por Hertz Dias (2009) no seu estudo sobre a guerra interna nas

periferias de São Luís – MA. Tudo isso demonstra quanto são descabidas as análises – com ou sem verniz de esquerda – que opõem crime e ordem.

Direitos Humanos

Os Direitos Humanos na obra *Tropa de Elite* aparecem como o antagonico por excelência da política pública de genocídio, o que na verdade é uma falsa oposição.

Agamben (2007), filósofo italiano, no seu livro *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua* sustenta de forma bastante perspicaz como os Direitos Humanos têm muito mais aproximação com as políticas totalitárias do que pode parecer superficialmente. Isso se deve, dentre outras coisas, ao fato de que os direitos humanos podem até servir para questionar o massacre de Bangu I tal como acontece no filme, no entanto, não questionam a natureza mesma dessa prisão, não investigam a sua condição de possibilidade que permanece intacta, não oferecem nenhum suporte crítico para indagar o *porquê* da existência daquela prisão como tal; isto é, em última instancia os direitos humanos corroboram para a “manutenção da vida meramente viva”, tal como é categorizado por Agamben. De forma nenhuma estou fazendo coro com as opiniões fascizantes de que os direitos humanos devem ser descartados. Na verdade, devemos lançar mão dele sempre que seja taticamente útil às lutas sociais; no entanto, faz-se necessário apontar para fins estratégicos os limites iminentes dos direitos humanos, e que ele jamais deve ser apontado como o ponto de salvação dessa política estatal genocida/etnocida.

A Subsecretaria de Inteligência

Quero brevemente comentar algo sobre a Subsecretaria de Inteligência que aparece no filme. Os setores de inteligência dos órgãos repressivos do Rio de Janeiro são comandados por pessoas que permanecem desde a época da ditadura militar. Trata-se de uma cúpula fechada que se mantém numa semi-clandestinidade que forma a assim chamada *comunidade de informação*.

Por se tratar de uma posição chave dentro do processo de vigilância e, dentre outras coisas, por ter acesso aos grampos feitos de forma legal e ilegal espionando todos os escalões da sociedade, seria na verdade infactível (inverossímil) que o herói que combate

implacavelmente a corrupção, Coronel Nascimento, fosse alçado a uma posição tão importante em tão pouco tempo – fosse jogado assim de pára-quadras no meio do covil dos supostos vilões. É de tal maneira um posto chave que no desfecho da trama o grampo feito ilegalmente a mando do Coronel Nascimento cumpre um papel central.

O curioso é que um dos que denunciam essa comunidade da inteligência da PM do Rio é um dos co-autores do livro *Elite da Tropa*, o antropólogo Luiz Eduardo Soares que hoje pode ser considerado o *think tank* da segurança cidadã, no seu livro *Meu Casaco de General* (2000), que relata sua experiência como subsecretário de segurança do Rio durante o período de janeiro de 1999 a março de 2000. Ele diz o seguinte:

O grupo de Marcos Paes incluía setores da PM e a chamada comunidade de informações, uma tribo que permanece unida, na semi-clandestinidade em que opera, e que reúne o pessoal egresso do SNI e do DOI-CODI do qual fizera parte também o então secretário chefe do gabinete militar, Coronel Josias Quintal (SOARES, 2000 p. 200).

Relata em outro trecho quando descobre que o então Secretário de Segurança Pública do Rio tinha sido membro do DOI- CODI: “Em algum momento, nos primeiros meses da gestão Josias, descobri que ele participara do DOI CODI” (SOARES, 2000 p. 307).

Por fim, descreve como ele, um recém chegado à alta burocracia do aparato repressivo do Rio de Janeiro, foi alertado para tomar cuidado com a *comunidade da informação*.

disse-me que tomasse cuidado com a comunidade da informação e que não me iludisse, porque quem tivesse participado dela, como agente de qualquer um dos órgãos de repressão da ditadura, manteria sempre com ela sua lealdade prioritária. A comunidade formaria uma espécie de grande família da qual fariam parte também os policiais especializados nas funções de inteligência, que atuavam, por exemplo, na PM-2, o serviço reservado da Polícia Militar (SOARES, 2000 p. 307).

É óbvio que uma obra de ficção não tem nenhuma obrigação de tentar ser verossímil em todos os aspectos, ainda mais num detalhe como esse, totalmente desconhecido do grande público. No entanto, o fato é que o aparelho de inteligência, chave na repressão estatal, passa longe de ter uma problematização relevante no filme.

Considerações finais - o clichê e a crítica domesticada

A obra *Tropa de Elite* serve para mostrar – usando uma categorização cara a Guy Debord (1997) – até onde pode chegar a *crítica social domesticada*. Tanto numa quanto noutra direção. Por um lado algo que aparentemente tinha a pretensão de atingir criticamente os órgãos de repressão transformou-se em seu adorno estético, na sua fotografia bela. Se seu ponto de saída é pretensamente crítico, seu ponto de chegada é assustadoramente fascista. Por outro lado, em seus acertos, mostra quão magrelas são as questões que sucintamente são levantadas. Como a falsa oposição entre direitos humanos e política pública de genocídio e o velho clichê da ligação de parlamentares – apenas os corruptos, porque existem os honestos, segundo o filme – com o crime organizado.

O fato é que o alarme soado pela obra *Tropa de Elite* pode servir de impulso para que a análise sobre o conglomerado estético-repressivo que se ergueu no Brasil nas últimas décadas possa ser feita com o rigor analítico que lhe é devido. Não seria um exagero dizer que pouco ou nada se sabe acerca dessa *transformação policlesca da percepção* (DEBORD 1997) que tem sido levada a cabo por experiências estéticas como os filmes e os programas policiais aqui tratados. O difícil é saber como uma “sociologia” e uma “história” cada vez mais tecnocráticas e localistas podem dar conta de um objeto sutil e difuso como é a *espetacularização da repressão*, em seus diversos matizes; sobretudo nas escarninhas.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2007.
- BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas. Editora Brasiliense. São Paulo 1994.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, Hertz da Conceição. *Posse da Liberdade: A integração Neoliberal e a Ruptura político-Pedagógica do Hip Hop em São Luís dos Anos de 1990 – São Luís, 2009*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Maranhão.
- SOARES. Luiz Eduardo. *Meu Casaco de General: 500 dias no front da segurança pública no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SOARES. Luiz Eduardo, BATISTA. André, PIMENTEL. *Rodrigo, Elite da Tropa*. Editora Objetiva Ltda: Rio de Janeiro, 2005.
- ZALUAR. Alba. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan Ed: UFRJ, 1994.